

CESARE PAVESE : MITO E HISTÓRIA

Rita Ciotta Neves

Professora e Directora da Área de Línguas e Culturas da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

«La letteratura è una difesa contro le offese della vita »

Na Itália fechada e provinciana dos anos 30, onde o totalitarismo fascista sufoca e humilha o mundo intelectual, as novas forças culturais de oposição organizam-se e trabalham num ambiente difícil e às vezes dramático : os nacionalistas, os *dannunziani* e os futuristas simpatizam com o regime, enquanto os poetas «herméticos» como Saba, Montale e Ungaretti vivem isolados na torre de marfim da sua poesia formal e aristocrática. Para os intelectuais antifascistas, que têm como fundamentais pontos de referência as grandes personalidades de Benedetto Croce e Antonio Gramsci, o objectivo é duplo: lutar não só por uma profunda transformação da sociedade italiana, mas também por novas superestruturas artísticas e ideais. É neste ambíguo e problemático momento da história italiana que surge, com todas as suas contradições, a grande personalidade do escritor Cesare Pavese. Desde o início esta é marcada por aquelas características que o perseguirão até ao fim da vida: a solidão, a incompreensão, e a profunda alienação e diversidade perante o seu tempo e os seus contemporâneos. É esta «diversidade» que verdadeiramente lhe torna trágica a vida, concluída com o suicídio, em 1950, num anónimo quarto de hotel da cidade de Turim.

Para compreender plenamente a importância e a grande actualidade da sua obra literária, é inevitável neste caso, embora seja às vezes uma operação «perigosa», termos em conta a sua biografia, porque neste autor a vida e a obra estão tão profundamente ligadas que se torna difícil definir os limites da sua recíproca influência.

Cesare Pavese nasce, em 1908, em Santo Stefano Belbo, nas Langhe, colinas que circundam Turim e que serão o pano de fundo de toda a sua obra literária. Estuda em Turim e termina o curso universitário com uma tese sobre a poesia de Walt Whitman. Começa a ensinar no liceu, mas por não estar inscrito no partido fascista, tem dificuldade em encontrar uma colocação. Intensifica então o seu trabalho de tradutor, já iniciado com paixão durante os anos universitários. Em 1931 publicada-se a sua primeira tradução de um romance de Sinclair Lewis, à qual se seguirão muitas outras, todas de escritores americanos. Para Pavese, assim como para o escritor Vittorini, a escolha de divulgar a literatura americana não é casual. A América significa o país da liberdade e da democracia e, sobretudo, a fuga do ambiente provinciano e cinzento que se vivia na Itália mussoliniana. Assim, Pavese traduz a um ritmo muito rápido obras de Dos Passos, Gertrude Stein, Faulkner, Steinbeck, até ao romance que mais o fascinava, *Moby Dick* de Melville. Através do seu trabalho de tradutor, amadurece o seu empenhamento antifascista, aproximando-se do grupo de intelectuais que gravitavam à volta da Editora Einaudi. Pavese, alguns anos mais tarde, evoca, num artigo publicado no jornal *L'Unità*, as razões do seu grande interesse pela cultura americana:

«Nos nossos esforços para compreender e para viver, fomos apoiados por vozes estrangeiras; cada um de nós frequentou e amou

Cesare Pavese: mito e história

a literatura de um povo, de uma sociedade longínqua, dela falando, traduzindo-a e transformando-a na sua pátria ideal ... Naturalmente [os fascistas] não podiam admitir que nós procurássemos na América, na Rússia, na China e noutros sítios, um calor humano que a Itália oficial não nos dava. Ainda menos que procurássemos simplesmente a nossa identidade».

A actividade de tradutor tem uma grande importância não só para o panorama cultural e político italiano de então, mas também para o desenvolvimento da sua futura poética. Porque é assim que Pavese descreve e define os pontos fulcrais do seu trabalho artístico: o sentimento trágico da vida, o contraste entre a infância e a vida adulta, a função do destino, o fascínio pelo Mito. Na Editora Einaudi, tem como colegas Carlo Levi, Leone Ginzburg e outras personalidades ligadas ao círculo dos antifascistas de Turim. É o ambiente vivo e fecundo da Turim operária e intelectual, onde chegam os ecos do trabalho teórico que Gramsci produz na prisão, onde Gobetti continua a ser uma figura basilar e onde circulam personalidades como Salvemini, Debenedetti, Monti. Em 1935, é preso pelos fascistas e enviado *al confino* para Brancaleone, na Calábria, no sul da Itália. A acusação: ser membro do movimento «Giustizia e Libertà» e ter recebido em sua casa umas cartas politicamente comprometedoras dirigidas a uma militante do Partido Comunista clandestino, com a qual tinha iniciado uma relação sentimental. Fica na Calábria durante um ano, começando a escrever as primeiras páginas do seu diário, publicado postumamente, *Il mestiere di vivere*. Em 1936 sai a primeira edição da recolha de poemas *Lavorare stanca* (cuja segunda edição sairá, aumentada, em 1943). De regresso a Turim, a notícia do casamento da mulher amada, leva-o quase ao suicídio. Em 1941 saem os romances breves *La Spiaggia* e *Paesi tuoi*, o seu primeiro sucesso literário. Em 1943, depois da queda de Mussolini, refugia-se com a irmã numa aldeia perto de Turim, resolvendo não seguir os seus camaradas e colegas que tinham entrado na Resistência. É o momento mais dramático da sua vida: mais uma vez a solidão, a incompreensão, a diversidade. Em 1946 sai *Feria d'agosto*, em 1948 *Prima che il gallo canti*, em 1949 a trilogia *La bella estate*. Continua entretanto a trabalhar na Editora Einaudi, onde conhece Italo Calvino. Em 1950, sai *La luna e i falò* e, em Junho, recebe o importante prémio literário «Strega» por *La bella estate*. Em Agosto, após uma outra desilusão sentimental, no dia 27 de Agosto, sai de casa da irmã onde ainda vivia, aluga um quarto num hotel do centro, passa as últimas horas a telefonar a mulheres suas conhecidas (nenhuma irá visitá-lo) e, por fim, suicida-se com uma forte dose de soníferos.

Entre as páginas mais belas sobre Cesare Pavese, estão aquelas que Italo Calvino escreveu no ensaio «Pavese: essere e fare»:

«(Para Pavese) « ser tragicamente « quer dizer transformar o drama individual – em vez de gastá-lo como fosse uns trocos – numa força concentrada que caracteriza qualquer tipo de acção, de obra,

qualquer acção humana, quer dizer, transformar o fogo de uma tensão existencial numa acção histórica... Se compararmos o diário de Pavese com o outro importante documento contemporâneo dum itinerário interior, o diário de André Gide, constatamos que a operação de Gide se move num sentido diametralmente contrário. Gide parte dum fenómeno de singularidade individual perfeitamente construída num seu envólucro de cultura e razão, em suma de classicidade, para chegar a uma identificação com o fluxo espontâneo da vida, para tocar um estado de indeterminação onde seja possível captar cada aspecto da variedade do mundo, onde a sinceridade já não seja dolorosa, onde nem a dor se sinta... (Pelo contrário) Pavese pertence a um momento da cultura mundial que procura integrar a experiência existencial na ética da história »¹

E com a expressão de Calvino «experiência existencial», entramos no centro da polémica que até hoje envolve a personalidade do escritor piemontês. Segundo o historiador literário Asor Rosa, e com ele toda a escola da crítica marxista, Pavese, caído por um capricho da sorte no meio da corrente do Neo-realismo italiano, seria, antes, um «genuíno decadente». Mas como comparar um D'Annunzio, grande protagonista do Decadentismo italiano, com os seus excessos, as suas extravagâncias, as suas simpatias fascistas, o seu culto do *bello* a todo custo, a sua superficial adesão às teorias do Super-homem nietzschiano com o austero e profundamente ético Pavese que afirmava:

«A lição é esta : construir na arte e construir na vida, eliminar o voluptuoso da arte e da vida, ser tragicamente.»²

É verdade que também em Pavese a palavra parece perder o seu valor referencial e assumir o peso metafórico próprio do Simbolismo, é verdade que a incurável infelicidade da sua vida o leva a uma temática pessimista e sombria, contudo não se pode esquecer que Pavese lutou, até ao fim, para ultrapassar os seus dramas pessoais e transformá-los num momento de reflexão sobre a condição universal do ser humano, em suma num momento de História. É por isso que preferimos, com Calvino, considerar a sua obra não segundo uma perspectiva decadente, mas antes abertamente existencialista. Percorrendo as páginas de Pavese, parece-nos de facto ouvir as mesmas vozes que povoavam *La Nausée* de Sartre: o sentimento da inutilidade da vida, a angústia do quotidiano, todo «o mal de viver» profundamente presente na obra pavesiana. Assim como Sartre quer que o Existencialismo se transforme em Humanismo, para permitir que o homem, através da sua livre escolha e empenhamento, se salve do vácuo e da inutilidade, igualmente encontramos em Pavese a mesma procura e tentativa de sair do seu isolamento e de se tornar um intelectual empenhado na sociedade e na

¹ I. Calvino, «Pavese: essere e fare», em Italo Calvino, *Saggi 1945/1985*, vol. I^o, Milano, Mondadori, 1995.

² C. Pavese, *Il mestiere di vivere*, Torino, Einaudi, 1990.

vida política. Mas, e o escritor sabia-o muito bem, as tentativas nem sempre têm êxito: quando os seus companheiros partem para lutar de arma em punho contra os nazi-fascistas que ocupam a Itália, Pavese refugia-se nas colinas. Os seus camaradas, como Leone Ginzburg ou Giaime Pintor, morrem torturados pelos nazis ou durante o combate, enquanto ele vive infeliz no seu isolamento literário.

Para compreender a temática e a poética de Pavese, além de lembrar os autores que mais o influenciaram (Dostoevsky, Freud, Leopardi, Beaudelaire, alguns existencialistas e alguns mitólogos como Lévy-Bruhl e Frazer), é referência fundamental o ensaio de Dominique Fernandez, «Le roman italien et la crise de la conscience moderne». Na sua apaixonada análise, Fernandez sintetiza assim as ideias principais de Pavese:

«Tudo se descobre através das recordações. O Passado determina o Presente e o Futuro. A única realidade que conta é aquela que precede a realidade, isto é a realidade mitológica, o Mito. Esta realidade é aquela da Infância, que é o ponto de partida de toda a posterior realidade humana. Todas as relações humanas se caracterizam pela falta de comunicação e pela constante infelicidade.

Quanto ao estilo, segundo Calvino:

«(Pavese queria) construir um estilo na expressão poética como na consciência moral»³ isto é, a sua pesquisa não era só literária, mas também profundamente ética, e o estilo devia então corresponder a uma tomada de posição social e política. Mais uma vez em Pavese ética e estética se confundem no mesmo plano. Mas, e aqui concordamos com a opinião já mencionada do historiador Asor Rosa, uma coisa é certa: Pavese pouco ou nada tinha a ver com as aspirações neorealistas próprias da Itália do pós guerra. Pavese de facto afirmava:

«A objectividade é insuficiente na literatura»

A este propósito é interessante também lembrar o que Pavese escreveu, em 1950, para uma entrevista radiofónica:

«O que eu tenho na mente é quase sempre um ritmo indistinto, um jogo de acontecimentos que são sobretudo sensações e atmosferas. A minha tarefa é apanhar e construir estes acontecimentos segundo um ritmo intelectual que os transforme em símbolos de uma determinada realidade. ...[para mim] as personagens são um meio, não um fim. As personagens só servem para construir fábulas intelectuais, cujo tema é o ritmo das coisas que acontecem.»⁴

Citação que nos leva inevitavelmente a pensar na *petite musique* que guiava Céline na genial composição da sua narrativa e que mostra

como o «realismo», para Pavese, era mais uma imposição moral do que um objectivo poético.

Concluimos, citando ainda palavras de Italo Calvino:

«Hoje o discurso de Pavese parece longínquo, mesmo nos seus elementos de pesquisa formal, nomeadamente a obstinação ascética do estilo. Mas isto só quer dizer que ele voltará a aparecer dentro de pouco tempo, através do distanciamento da sua época, e isto bastará para que se nos apresente numa nova perspectiva, sendo então possível descobrir nele mais coisas, como sempre acontece quando conseguimos analisar um autor afastando-o do seu mundo contemporâneo, iluminando-o com a luz de um tempo que foi, mas que já não é o nosso.»⁵

FERIA D'AGOSTO

Através deste breve exercício de tradução, queremos apresentar alguns fragmentos de uma obra de Pavese talvez menos conhecida, mas que consideramos fundamental pelo seu alto valor literário e pela importante reflexão estética. A obra é *Feria d'Agosto* e os textos «Sogni al campo» e «La vigna».

Feria d'Agosto, escrito por Pavese entre 1941 e 1944, foi publicado em 1946. É uma obra compósita que se inicia com breves narrações para depois se transformar em textos de reflexão sobre a estética e a Mitologia. O título é explicado pelo autor no romance *La luna e i falò*:

«O bom daqueles tempos era que tudo se fazia numa estação, e cada estação tinha os seus hábitos e o seu jogo, segundo os trabalhos e as colheitas, a chuva e o bom tempo»

E o verão era certamente a estação preferida por Pavese, no divagar pelas quentes noites de Turim e nos longos passeios pelas Langhe.

A temática é, como sempre no autor, estruturada em dicotomias: a cidade e o campo, a infância e a idade adulta, o sonho e a realidade, a figura feminina como síntese do paraíso e do inferno. Mais precisamente, a obra divide-se em três partes: «Il mare», «La città» e «La vigna». Na primeira, o tema são as memórias da infância, na segunda, as memórias da juventude que caminha para a idade adulta e, na terceira, o contraste entre o homem e a criança. As passagens sobre o Mito surpreendem o leitor ao aparecerem de improviso na estrutura da obra, quase quebrando voluntariamente o seu ritmo narrativo. Para Pavese, e esta temática será depois aprofundada na obra etnográfica *La luna e i falò*, cada mito ou símbolo que se revelou no período da infância, determinará a seguir toda a vida do ser humano. Será através da lembrança destes mitos que o adulto poderá «conhecer» e perceber a realidade.

³ I. Calvino, «Pavese – tre libri», em Italo Calvino, *Saggi 1945/1985*, vol.1º, Milano, Mondadori, 1995.

⁴ S. Giovanardi, «La luna e i falò di Cesare Pavese» em *Letteratura italiana, il Novecento*, Torino, Einaudi, 1996.

⁵ I. Calvino, «Pavese: essere e fare», em «Italo Calvino, *Saggi 1945/1985*, vol. 1º, Milano, Mondadori, 1995.

Mas, avisa Pavese, as lembranças só nos aparecem na sua clareza à segunda vez:

«*Nós nunca vemos as coisas à primeira vez, mas sempre à segunda.*»

É necessária, pensamos, uma última nota sobre a Língua de Pavese. O autor utiliza, em toda a sua obra literária, um estilo calibrado e extremamente elaborado, chegando a um nível de estilização muito alto. Consequência disso é, por vezes, uma sintaxe e uma pontuação pouco ortodoxas, um ritmo brusco e voluntariamente pouco fluido, onde elementos da expressão oral se interligam à língua escrita. Pavese, no diário *Il mestiere di vivere*, dizia:

«*Uma vez escrita a primeira linha de um conto, tudo está já decidido, o estilo, o tom e a forma dos factos. Escrita a primeira linha, é só questão de ter paciência: tudo o resto deve e pode derivar disso.*»

Intencionalmente, preferimos, na nossa tradução, respeitar quanto possível o estilo e a «música» do autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- D. Lajolo, *Il vizio assurdo*, Milano, Il Saggiatore, 1960.
D. Fernandez, *L'ebec de Pavese*, Paris, Grasset, 1969.
G. Pampaloni, *Trent'anni con Cesare Pavese*, Milano, Rusconi, 1981.
D. Fernandez, *Le roman italien et la crise de la conscience moderne*, Paris, Grasset, 1958.
I. Calvino, *Saggi 1945/85*, Milano, Mondadori, 1995.
A. A. V. V., *Letteratura Italiana/Il 900*, Torino, Einaudi, 1996.
G. Manacorda, *Storia della letteratura italiana contemporanea*, Roma, Editori Riuniti, 1996.
G. Pullini, *Il romanzo italiano del dopoguerra*, Padova, Marsilio Editori, 1970.
L. Caretti e G. Luti, *La letteratura italiana/Il 900*, Milano, Mursia, 1986.
A. Asor Rosa, *Sintesi di storia della letteratura italiana*, Firenze, La Nuova Italia, 1982.
A. d'Orsi, *Intellettuali nel Novecento italiano*, Torino, Einaudi, 2001.